

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

PIERRE GRANDET, *Contes de l'Égypte Ancienne*, Paris, Éditions Khéops, 2005, 196 pp., ISBN 2-9504368-8-9

São já muitas as antologias que apresentam, traduzidos e comentados, os vários textos egípcios entre os quais se incluem os contos. Também Pierre Grandet, doutorado em Egptologia pela Universidade de Paris IV-Sorbonne e professor no Institut Supérieur Khéops e na Université Catholique de l'Ouest, em Angers (onde ensina língua e literatura egípcias), decidiu produzir a sua versão dos contos egípcios. Desta forma têm os leitores e cultores do tema mais uma fonte de consulta e, quiçá, de inspiração haurida na fruição de textos interperantes, de carácter histórico, lendário ou mitológico que se contam entre as mais antigas obras da literatura universal. Alguns deles são mesmo considerados como obras-primas, tendo sido lidos e copiados ao longo de vários séculos.

Na Introdução (pp. I-XI), avisa o Autor que foram excluídos os textos que estão fragmentados, impossibilitando a reconstituição de um discurso coerente, e ainda dois outros que, habitualmente, constam das antologias, mas que Pierre Grandet considera não integráveis no núcleo dos contos: *A Profecia de Neferti* e *A Princesa de Bakhtan*. Todos os textos aqui recolhidos foram redigidos entre o início da XII dinastia (c. 2000 a. C.) e a XXI dinastia (c. 1000 a. C.), o que dá um milénio de produção literária - antes e depois das datas indicadas não são conhecidos textos que possam ser classificados como contos. Mas o que se compilou neste volume não é tudo: há ainda certamente textos por descobrir nos anos que virão. Em todo o caso, os contos que chegaram até nós foram produzidos com uma clara intenção: visavam muito mais instruir que distrair (p. III). Além disso, eles demonstram uma certa «consciência de classe» dos escribas que os redigiram. No fim de contas, esses textos veiculam preceitos idênticos aos que constam nos «ensinamentos», embora estejam diluídos para favorecer a sua assimilação (p. V). As fontes são diversas: contos populares e maravilhosos, história, mitologia, entre outros.

Um mapa do Egipto ocupa a p. 7 (não numerada), o qual inclui a Núbia (Uauat e Kuch), com os oásis indicados (Katara, Bahareia, Farafra, Dakhla e Kharga), e ainda a península do Sinai e o Corredor sírio-palestiniano. Um pequeno mapa em destaque, em cima, mostra o percurso de Sinuhe na sua arrojada fuga desde o Delta Ocidental até ao Retenu. O mapa relaciona-se com a literatura, como alude a legenda que nele figura: o Egipto e o Próximo Oriente antigos nos contos egípcios.

Segue-se um Prólogo (pp. 11-13) que não é mais que a tradução de uma prece a Tot, «escriba dos deuses e deus dos escribas», seguida por uma conhecida exortação «a um mau aluno», para que ele abandone o vinho, a cerveja e as prostitutas, e uma outra exortação para que o jovem candidato se torne um escriba, para que tão nobre situação o impeça de labutar nos trabalhos difíceis – pelo contrário, é o escriba que dirige todos os trabalhos e está isento do pagamento do imposto.

O núcleo da obra começa pelo «Livre premier», dedicado aos contos do Império Médio (pp. 15-82). Lá constam os já esperados textos como *Les Aventures de Sinouhé* (pp. 18-34), um «roman d'une maturité chèrement acquise», *Le Naufragé* (pp. 35-41), que, avaliando pelo seu início, deveria fazer parte de um conjunto maior (do género dos que foram recolhidos no *Papiro Westcar*), e ainda *Le Paysan éloquent* (pp. 43-63), «véritable manuel de stylistique égyptienne», mostrando as relações entre a justiça absoluta do divino e a justiça relativa dos homens.

Os contos dos *Papiro Westcar* são aqui designados genericamente por *Khéops et les magiciens*, cada um deles com títulos da inspiração do Autor. O primeiro conto (na verdade o segundo do papiro, mas o texto inicial perdeu-se e só se conhece o final), que geralmente é conhecido por «O marido enganado», surge aqui como «Le Crocodile de cire» (pp. 65-68), enfatizando-se assim a prática mágica da confecção do sáurio que irá devorar um devasso; «L'Eau pliée en deux» (pp. 68-72) bem poderia intitular-se «O Passeio Náutico», mas o Autor preferiu dar relevo ao milagre da separação das águas; o dramático episódio com o portentoso mágico Djedi tem o título de «Les Têtes coupées puis recollées» (pp. 72-77), sublinhando as capacidades do sacerdote e mago; por fim, o texto sobre «L'Origine de la Ve dynastie» (pp. 77-82) relata o nascimento dos príncipes que serão os primeiros reis da V dinastia (Userkaf, Sahuré e Neferirkaré Kakai).

Depois o «Livre deuxième» (pp. 83-138) começa com o belicoso conto lendário de *La Prise de Joppé* (pp. 85-87), cidade de Canaã que em egípcio era conhecida por Ipu (trata-se da cidade portuária de Jaffa); *Le Prince prédestiné* (pp. 89-95), «nettement épuré des conventions narratives traditionnelles et de leurs pesanteurs souvent intolérables»; *Les Deux Frères* (pp. 97-110), reflectindo uma ambiência mitológica onde, tal como noutros textos deste género, «on ne peut que s'étonner de voir d'autres auteurs en stigmatiser la "vulgarité", sous prétexte qu'ils contiennent des éléments scabreux»; *Vérité et Mensonge* (pp. 111-116), «un chef-d'oeuvre de composition»; *L'Ennéade*

d'Héliopolis (pp. 117-118), com um quadro mostrando os nove deuses da Enéade e as divindades associadas; e ainda *Horus et Seth* (pp. 119-138), um dos textos onde se detecta o tema universal dos irmãos inimigos, que no mito se digladiam ferozmente.

Quanto ao «Livre troisième» (pp. 139-158), ele é composto por dois textos, sendo o primeiro *Les Méseventures d'Ounamon* (pp. 141-152): tal como outros autores, Pierre Grandet prefere intitular este relato de viagem de uma forma que permite estabelecer bem o aliciante confronto com *Les Aventures de Sinouhé* do já distante Império Médio, ambos romances que reflectem elementos históricos. O segundo texto oferece-nos *Les Malheurs d'Ourmaï* (pp. 153-158), descoberto em 1977 e editado por Ricardo Caminos, e que aqui aparece pela primeira vez em tradução francesa.

O Epílogo inclui um texto sobre a imortalidade dos escritores (pp. 161-162), com uma passagem frequentemente citada lembrando os grandes letrados do passado: «Existe hoje alguém como Hordjedef? Há aí outro semelhante a Imhotep? Ninguém entre nós é como Neferti ou como Kheti, o seu chefe incontestado! Quero fazer-te conhecer os nomes de Ptahemdjehuti e de Khakheperréseneb. Haverá alguém igual a Ptah-hotep ou a Kairsu?» (*Papiro Chester Beatty IV*). Contém o outro a «Galerie des hommes illustres» (pp. 163-164), com a reprodução de um fragmento mural de uma tumba da XIX dinastia em Sakara reproduzindo as imagens de letrados de tempos idos, entre os quais estão Imhotep, Kairsu, Ipu-uer, Kheti e Khakheperréseneb.

As notas foram concentradas nas pp. 165-182, sendo organizadas de acordo com os textos apresentados, seguindo-se a bibliografia consultada que vem, tal como as notas, organizada de acordo com os mesmos textos. No final surge uma útil tábuca cronológica (pp. 189-193), a qual se fundamenta nas propostas de Jürgen von Beckerath (*Handbuch der ägyptische Königsnamen*, Munique e Berlim, 1984) e Kenneth A. Kitchen (*The Third Intermediate Period in Egypt, 1100-600 BC*, 2ª ed., Warminster, 1986).

É mais uma visão sobre a literatura egípcia, nomeadamente acerca dos contos, capaz de enriquecer a boa bibliografia já existente sobre tão interessante tema, e que é deveras útil para os leitores em geral que apreciam tudo o que se relaciona com a cultura do Egipto faraónico, e para os estudantes universitários que nas suas tarefas académicas se debruçam sobre a questão.

Luís Manuel de Araújo